

COMÉRCIO EXTERIOR DE PRODUTOS FLORESTAIS, BRASIL, 1997-2010¹

Sueli Alves Moreira Souza²

1 - INTRODUÇÃO

A compreensão do comportamento e das características do comércio exterior de produtos florestais corresponde a uma exigência para o planejamento consistente das políticas públicas para agricultura. Isso porque o denominado complexo florestal brasileiro compõe-se de diversos segmentos econômicos internos com dinâmicas peculiares e, por conseguinte, apresentam desempenhos diferenciados no tocante à agregação de valor e às dinâmicas do mercado. Também do ponto de vista da estrutura setorial há enormes diferenças externas, indo das madeiras isoladas e dispersas no amplo espaço territorial da floresta amazônica (BARROS; UHL, 2002), em processos tipicamente associados às formas de acumulação primitiva, aos modernos complexos agroindustriais de papel e celulose (BAQUERO, 1992).

Essa diversidade de condições estruturais configura realidades com dinâmicas também distintas face aos produtos florestais com situações em que, prevalecendo processos de exploração intensiva, o potencial econômico, ainda que elevado,

está sendo ameaçado pelo uso depredatório das árvores de valor comercial. Os investimentos são relativamente baixos. Há falta de capitais. O desperdício da madeira é enorme. Vimos que se aproveita menos de 50% das toras no processamento, não só nas serrarias como também nas indústrias certificadas. A instalação das serrarias, na imensidão da floresta, passa a seus proprietários a sensação de que se trata de recurso inesgotável. Os madeireiros pensam que podem deslocar-se sempre para novas áreas florestadas, numa exploração itinerante (GARRIDO FILHO, 2002).

Dessa maneira, o desempenho atual compromete sua própria reprodução futura.

¹Registrado no CCTC, IE-70/2001.

²Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (IEA) (e-mail: sueli@iea.sp.gov.br).

Isso porque,

o Brasil tem vivenciado uma escassez de madeira de reflorestamento apesar de suas imensas florestas nativas e grande área reflorestada, o que atinge as empresas de modo diferente. Nota-se uma grande concentração da oferta de madeira nas mãos dos setores de papel e celulose e siderúrgico, cujo objetivo é plantar para consumo próprio, e não necessariamente abastecer o mercado com madeira. Assim, muitas pequenas e médias empresas consumidoras de madeira terão dificuldades de sobrevivência no futuro, gerando mais desemprego no país e/ou contribuindo para a exploração irracional das florestas nativas (BACHA, 2008).

Esse fato exige uma revisão de estratégia mais ampla das políticas públicas, uma vez que análise do uso dos recursos florestais brasileiros evidencia que

a destruição de nossas florestas e o uso insustentável dos remanescentes florestais sempre se associaram com as políticas desenvolvimentistas adotadas no País. Estas políticas, por sua vez, se fundamentaram nos principais modelos econômicos em voga a cada período ... e o Brasil está destruindo florestas em grande escala, enquanto diversos outros países as ampliam. Este processo de desmatamento no Brasil já não se justifica pela necessidade de terra para a produção agropecuária (BACHA, 2004).

A alternativa econômica consiste na proliferação de programas florestais estaduais, cada qual voltado para a realidade territorial específica, tal como faz para a realidade paulista (CASTANHO FILHO, 2003),

para propor um programa florestal na esfera estadual, resgatando princípios internacionais, nacionais e estaduais já propostos, sugerindo uma metodologia que leve em conta não só a oferta e demanda agregadas por produtos florestais, mas também a necessidade de reequilibrar o ecossistema estadual com a vegetação nativa. O Estado de São Paulo foi escolhido como modelo e as conseqüências do desmatamento foram analisadas e quantificadas para definir como corrigi-las e

em quais dimensões.

Buscando contribuir para a compreensão da dinâmica associada aos movimentos dos mercados de produtos florestais, este estudo analisa para o período 1997-2010 a evolução do comércio exterior de produtos florestais do Brasil, focando a interpretação dos valores das transações associados a esse segmento econômico. Busca caracterizar a agregação de valor e os diversos ramos de produtos florestais. As informações utilizadas correspondem aos dados da balança comercial elaborados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), a partir de dados básicos da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Os procedimentos de tratamento das informações estão descritos em Vicente et al. (2001).

2 - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS FLORESTAIS

As exportações brasileiras de produtos florestais cresceram de US\$3,79 bilhões em 1997 para US\$9,56 bilhões em 2010, tendo evoluído em ritmo mais lento que o aumento das vendas da agricultura como um todo, que se elevaram de US\$24,96 bilhões para US\$79,95 bilhões no mesmo espaço temporal. Em função desses desempenhos, a participação dos produtos florestais no total setorial recua de 15,18% para 11,95%, tendo atingido o pico em 2000 (21,37%) (Tabela 1).

Em termos nacionais, a composição do valor das exportações brasileiras de produtos florestais revela o aumento da primazia da madeira cujas vendas externas saltam de US\$2,56 bilhões para US\$7,26 bilhões no período 1997-2010 (+184,76%), seguido da celulose, que evoluiu de US\$1,18 bilhão para US\$2,11 bilhões (+78,85%). A borracha (+203,40%) e os demais produtos (+229,69%) (Tabela 2), conquanto apresentando aumentos percentualmente superiores, não atingem posição relevante no conjunto das exportações desse segmento da agricultura nacional.

Essa representatividade fica nítida quando se avalia a participação percentual da madeira, que aumenta de 67,33% em 1997 para 80,49% em 2004, recuando para 76,02% em 2010. Na celulose a evolução se mostra inversa,

tendo recuado de 31,17% em 1997 para 18,54% em 2004, para reverter a queda atingindo 22,10% em 2010. Trata-se de mercados distintos, no primeiro, prevalecem produtos manufaturados (celulose), já no segundo, a primazia se dá nos produtos básicos e semimanufaturados (madeira). Em conjunto esses dois principais produtos florestais representaram 98,50% das vendas externas em 1997 e praticamente o mesmo patamar (98,12%) em 2010 (Tabela 3).

O perfil da agregação de valor das exportações brasileiras de produtos florestais define-se no caso da celulose pela venda de produtos manufaturados que correspondem à quase totalidade das divisas geradas, tendo crescido de US\$1,18 bilhão em 1997 para US\$2,11 bilhões em 2010 (Tabela 4). Trata-se de processo nítido de multiplicação de lavouras para indústria com a expansão de plantios de pinos e eucaliptos em extensos espaços territoriais em regiões localizadas à orla das plantas industriais de processamento.

Nas vendas externas brasileiras de madeira o perfil de agregação de valor se mostra radicalmente distinto com a predominância crescente dos produtos básicos e semimanufaturados cuja participação no segmento, após recuar de 63,54% em 1997 para 48,39% em 2004, reverte a tendência e alcança 73,20% em 2010. Esse perfil de exportações de madeiras mais que triplicou em termos de valor, tendo crescido de US\$1,62 bilhão para US\$5,32 bilhões em 2010 (Tabela 5).

As madeiras manufaturadas (em especial móveis) haviam elevado o valor das vendas de US\$930 milhões em 1997 para US\$3,05 bilhões em 2007, aumentando com isso a representatividade no segmento que era de 36,46% em 1997 para 51,61% em 2004. Entretanto, nos últimos anos há expressivo recuo do valor obtido com exportações desse perfil de agregação de valor nas transações com madeira, alcançando US\$1,95 bilhão em 2010, o que corresponde a 26,80% do valor das vendas externas de madeira (Tabela 5). Interessante destacar que o comportamento recente se mostra contemporâneo com a crise mundial e com a intensificação da valorização cambial brasileira, sendo estes possíveis elementos de explicação para o desempenho da geração de divisas pela venda de madeira.

De qualquer maneira a leitura estrutural mais ampla das exportações brasileiras de produtos florestais revela de forma marcante a existên-

TABELA 1 - Evolução do Valor das Exportações de Produtos Florestais no Total da Agricultura, Brasil, Período 1997-2010

(em US\$1 milhão)

Ano	Produtos florestais	Agricultura	Part. %
1997	3,79	24,96	15,18
1998	3,63	23,05	15,76
1999	4,12	21,66	19,02
2000	4,66	21,78	21,37
2001	4,27	25,01	17,08
2002	4,47	26,06	17,15
2003	5,70	32,43	17,57
2004	6,97	41,51	16,79
2005	7,50	46,30	16,20
2006	8,20	52,04	15,75
2007	9,13	61,88	14,75
2008	9,61	76,14	12,63
2009	7,47	67,56	11,05
2010	9,56	79,95	11,95

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 2 - Evolução do Valor das Exportações de Produtos Florestais Segundo os Grandes Grupos de Produtos, Brasil, Período 1997-2010

(em US\$1 mil)

Ano	Celulose	Madeira	Borracha	Outros	Total
1997	1.180.829	2.551.004	31.597	25.275	3.788.705
1998	1.120.757	2.456.621	30.962	23.755	3.632.095
1999	1.085.645	2.975.907	34.520	23.995	4.120.067
2000	1.093.825	3.510.328	29.145	21.994	4.655.292
2001	1.058.377	3.159.583	34.284	19.658	4.271.902
2002	998.917	3.422.734	26.740	21.141	4.469.532
2003	1.202.193	4.436.725	29.853	29.564	5.698.335
2004	1.292.543	5.611.171	41.785	25.687	6.971.186
2005	1.476.882	5.951.096	42.113	31.671	7.501.762
2006	1.624.940	6.470.702	43.160	58.504	8.197.306
2007	1.821.112	7.209.020	49.167	46.920	9.126.219
2008	2.029.381	7.478.854	54.390	50.086	9.612.711
2009	1.784.833	5.565.263	62.197	54.242	7.466.535
2010	2.111.927	7.264.358	95.865	83.329	9.555.479

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 3 - Evolução da Participação dos Grandes Grupos de Produtos no Valor das Exportações de Produtos Florestais, Brasil, Período 1997-2010

(em %)

Ano	Celulose	Madeira	Borracha	Outros	Total
1997	31,17	67,33	0,83	0,67	100,00
1998	30,86	67,64	0,85	0,65	100,00
1999	26,35	72,23	0,84	0,58	100,00
2000	23,50	75,41	0,63	0,47	100,00
2001	24,78	73,96	0,80	0,46	100,00
2002	22,35	76,58	0,60	0,47	100,00
2003	21,10	77,86	0,52	0,52	100,00
2004	18,54	80,49	0,60	0,37	100,00
2005	19,69	79,33	0,56	0,42	100,00
2006	19,82	78,94	0,53	0,71	100,00
2007	19,95	78,99	0,54	0,51	100,00
2008	21,11	77,80	0,57	0,52	100,00
2009	23,90	74,54	0,83	0,73	100,00
2010	22,10	76,02	1,00	0,87	100,00

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 4 - Agregação de Valor nas Exportações de Celulose, Brasil, Período 1997-2010
(em US\$1 mil)

Ano	Semimanufaturados		Manufaturados	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	636	0,05	1.180.193	99,95
1998	543	0,05	1.120.214	99,95
1999	510	0,05	1.085.135	99,95
2000	811	0,07	1.093.014	99,93
2001	891	0,08	1.057.486	99,92
2002	1.115	0,11	997.802	99,89
2003	846	0,07	1.201.347	99,93
2004	379	0,03	1.292.164	99,97
2005	120	0,01	1.476.762	99,99
2006	373	0,02	1.624.567	99,98
2007	1.020	0,06	1.820.092	99,94
2008	1.041	0,05	2.028.340	99,95
2009	450	0,03	1.784.383	99,97
2010	1.479	0,07	2.110.448	99,93

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 5 - Agregação de Valor nas Exportações de Madeira, Brasil, Período 1997-2010
(em US\$1 mil)

Ano	Básicos e semimanufaturados		Manufaturados	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	1.621.032	63,54	929.972	36,46
1998	1.645.804	66,99	810.817	33,01
1999	1.872.907	62,94	1.103.000	37,06
2000	2.252.216	64,16	1.258.112	35,84
2001	1.883.700	59,62	1.275.883	40,38
2002	1.855.986	54,23	1.566.748	45,77
2003	2.502.274	56,40	1.934.451	43,60
2004	2.715.509	48,39	2.895.662	51,61
2005	3.095.453	52,01	2.855.643	47,99
2006	3.512.830	54,29	2.957.872	45,71
2007	4.158.780	57,69	3.050.240	42,31
2008	4.793.841	64,10	2.685.013	35,90
2009	3.833.282	68,88	1.731.981	31,12
2010	5.317.260	73,20	1.947.098	26,80

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

cia de dois grandes grupos de produtos. Um deles consiste nos produtos oriundos da agroindústria de papel e celulose fortemente integrada para trás de forma vertical, com lavouras próprias e/ou na integração contratual mediante arrendamentos em parceria para evitar desembolsos na aquisição de terras. O outro consiste nos produtos da madeira que imperam os bens intermediários do primeiro tratamento nas madeireiras e em menor proporção da agroindústria de móveis e produtos em madeira, sendo que neste grupo os mecanismos estruturadores da integração não prosperaram no mesmo sentido. Assim não há como definir a existência de um único complexo florestal nas exportações brasileiras, mas uma

plêiade de segmentos com dinâmicas próprias e distintos estágios de evolução dos mecanismos de coordenação vertical, que conformam os respectivos desenhos das estruturas de mercado e formação de preços.

3 - IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS FLORESTAIS

O comércio exterior brasileiro de produtos florestais inserido na economia globalizada apresenta importações relevantes e de características específicas daí a relevância de considerá-las. As aquisições no exterior recuaram de

US\$1,82 bilhão em 1997 para US\$0,98 bilhão em 2003 para reverter essa tendência e alcançar US\$3,09 bilhões em 2010. Em linhas gerais segue o ritmo similar ao das importações setoriais que após recuarem de US\$12,69 bilhões em 1997 para US\$7,68 bilhões em 2002, aumentam para US\$23,73 bilhões em 2010. Esse desempenho configura uma participação no total da agricultura oscilante em torno da média de 13,17% no período 1997-2010 (Tabela 6). Nesse processo fica nítido o refluxo das importações em 2009, como resultante da crise econômica mundial que nesse ano afetou a economia brasileira, tanto assim que acompanhando o conjunto da agricultura, houve redução nas aquisições externas de produtos florestais, as quais foram retomadas em 2010.

O detalhamento das importações de produtos florestais mostra que o grupo da celulose recua de US\$1,38 bilhão em 1997 para US\$599 milhões em 2003, desde quando passa a ter trajetória ascendente para alcançar US\$1,76 bilhão em 2010. Em amplitude menor, as compras de madeira diminuem de US\$283 milhões para US\$204 milhões no período 1997-2003, voltando a crescer para US\$501 milhões em 2010. No caso da borracha, de um patamar de US\$150 milhões em 1997, oscila no quadriênio 1998-2001 quando atinge US\$98 milhões. Entretanto, apresenta crescimento persistente na fase seguinte totalizando US\$810 milhões em 2010. Nota-se de forma nítida o refluxo derivado da crise internacional de 2009, com recomposição da tendência em 2010 (Tabela 7).

As participações dos grupos nas importações brasileiras de produtos florestais revelam a evolução dessas representatividades mostrando o recuo do grupo celulose de 75,67% em 1997 para 56,96% em 2010. No mesmo período, o grupo borracha amplia sua importância saindo de 8,24% para 26,17%, enquanto o grupo madeira oscila ao elevar-se de 15,54% em 1997 para 21,82% em 2004 para mostrar queda nos anos seguintes, alcançando 16,19% em 2010 (Tabela 8). A estrutura e as dinâmicas distintas dos grupos de produtos acabaram por determinar movimentos internos diferenciados.

As diferenças estruturais entre os grupos de produtos revelam-se na análise dos perfis de agregação de valor à matéria-prima agropecuária. No grupo celulose, as compras externas correspondem de forma quase total a produtos manufaturados (mais de 99,00% do valor adquirido) correspondendo dessa forma a produtos

agroindustriais, os quais são muito mais sensíveis às variações da taxa de câmbio. No grupo borracha, a predominância concentra-se progressivamente nos produtos básicos, cuja representatividade aumenta de 79,40% para 97,62% no período 1997-2010 (Tabela 9).

As importações do grupo celulose, após manterem-se oscilantes no período 1997-2000, recuam de forma expressiva no período 2000-2003 de US\$1,03 bilhão a US\$593 milhões, dada a desvalorização subsequente à adoção do câmbio flutuante. A valorização posterior a maio de 2004, em conjunto com o crescimento da economia brasileira, elevou de forma substantiva as importações do grupo celulose que atingiram US\$1,76 bilhão em 2010. Ainda que o movimento do câmbio afete qualquer modalidade de importação, no caso dos produtos básicos do grupo borracha, a força do crescimento econômico - em especial da indústria automobilística - as importações aumentaram de US\$82 milhões em 2001 - ano de lançamento dos veículos *flex fuel* - para US\$157 milhões em 2003. O crescimento da economia catapultou essas vantagens da apreciação do câmbio elevando as compras externas desse grupo para US\$790,47 milhões em 2010 (Tabela 9).

No grupo madeira têm-se dois perfis distintos da importação quanto à agregação de valor. O mais relevante correspondente a produtos básicos e semimanufaturados cujas compras crescem percentualmente de 1997 até 2005 (indo de 60,56% para 85,13%), desde quando recua para alcançar 76,24% em 2010. Interessante verificar que na fase de crescente apreciação da moeda brasileira entre 1997-2000 verifica-se incremento das aquisições em termos absolutos, indo de US\$171 milhões para US\$242 milhões, com queda atingindo US\$158 milhões no final do período 2000-2003 quando se desvaloriza o câmbio, seguida de significativo aumento nos anos seguintes alcançando o pico de US\$382 milhões em 2010, na conjunção de crescimento econômico com desvalorização cambial (Tabela 10).

Nos produtos manufaturados, nota-se redução de US\$112 milhões em 1997 para US\$47 milhões em 2003, seguida de incremento para alcançar US\$119 milhões em 2010, com pico de US\$138 milhões (Tabela 10). Fica nítido o fato de que o processo de crescimento econômico ampliou mais que proporcionalmente às importações de produtos básicos e de semimanufaturas de madeira, uma vez que os produtos

TABELA 6 - Evolução do Valor das Importações de Produtos Florestais no Total da Agricultura, Brasil, Período 1997-2010

(em US\$1 milhão)

Ano	Produtos florestais	Agricultura	Part. %
1997	1,82	12,69	14,35
1998	1,78	12,28	14,46
1999	1,29	9,11	14,15
2000	1,47	9,47	15,55
2001	1,21	8,56	14,18
2002	0,99	7,68	12,95
2003	0,98	8,51	11,48
2004	1,19	10,20	11,71
2005	1,34	10,07	13,31
2006	1,81	11,86	15,28
2007	2,17	17,21	12,59
2008	2,82	26,36	10,69
2009	1,97	18,53	10,62
2010	3,09	23,73	13,04

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 7 - Evolução do Valor das Importações de Produtos Florestais Segundo os Grandes Grupos de Produtos, Brasil, Período 1997-2010

(em US\$1 mil)

Ano	Celulose	Madeira	Borracha	Outros	Total
1997	1.377.412	282.869	150.082	10.033	1.820.396
1998	1.349.599	296.326	120.319	9.835	1.776.079
1999	955.581	242.261	82.783	8.792	1.289.417
2000	1.036.482	306.134	121.909	8.257	1.472.782
2001	870.011	236.564	98.299	9.236	1.214.110
2002	655.499	212.087	118.830	8.050	994.466
2003	599.369	204.592	165.094	7.818	976.873
2004	678.753	260.607	244.291	10.469	1.194.120
2005	778.257	278.563	274.330	9.009	1.340.159
2006	1.087.652	323.008	390.078	10.933	1.811.671
2007	1.287.204	371.436	494.171	13.704	2.166.515
2008	1.655.729	459.070	688.198	15.840	2.818.837
2009	1.290.609	357.515	304.756	14.114	1.966.994
2010	1.762.118	500.991	809.708	21.582	3.094.399

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 8 - Evolução da Participação dos Grandes Grupos de Produtos no Valor das Importações de Produtos Florestais, Brasil, Período 1997-2010

(em %)

Ano	Celulose	Madeira	Borracha	Outros	Total
1997	75,67	15,54	8,24	0,55	100,00
1998	75,99	16,68	6,77	0,55	100,00
1999	74,11	18,79	6,42	0,68	100,00
2000	70,38	20,79	8,28	0,56	100,00
2001	71,66	19,48	8,10	0,76	100,00
2002	65,91	21,33	11,95	0,81	100,00
2003	61,36	20,94	16,90	0,80	100,00
2004	56,84	21,82	20,46	0,88	100,00
2005	58,07	20,79	20,47	0,67	100,00
2006	60,04	17,83	21,53	0,60	100,00
2007	59,41	17,14	22,81	0,63	100,00
2008	58,74	16,29	24,41	0,56	100,00
2009	65,61	18,18	15,49	0,72	100,00
2010	56,95	16,19	26,17	0,70	100,00

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 9 - Agregação de Valor nas Importações de Celulose e Borracha, Brasil, Período 1997-2010
(em US\$1 mil)

Ano	Celulose- manufatura		Borracha-básicos	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	1.375.081	99,83	119.166	79,40
1998	1.345.291	99,68	91.291	75,87
1999	950.612	99,48	64.427	77,83
2000	1.032.900	99,65	99.420	81,55
2001	867.891	99,76	82.212	83,63
2002	652.226	99,50	105.278	88,60
2003	592.885	98,92	156.730	94,93
2004	673.803	99,27	238.640	97,69
2005	773.243	99,36	269.214	98,14
2006	1.082.931	99,57	385.503	98,83
2007	1.281.210	99,53	483.716	97,88
2008	1.650.836	99,70	666.386	96,83
2009	1.286.585	99,69	283.017	92,87
2010	1.755.912	99,65	790.467	97,62

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 10 - Agregação de Valor nas Importações de Madeira, Brasil, Período 1997-2010
(em US\$1 mil)

Ano	Básicos e semimanufaturados		Manufaturados	
	US\$1.000	%	US\$1.000	%
1997	171.297	60,56	111.572	39,44
1998	185.903	62,74	110.423	37,26
1999	185.499	76,57	56.762	23,43
2000	242.311	79,15	63.823	20,85
2001	189.606	80,15	46.958	19,85
2002	180.547	85,13	31.540	14,87
2003	157.715	77,09	46.877	22,91
2004	198.450	76,15	62.157	23,85
2005	211.376	75,88	67.187	24,12
2006	228.464	70,73	94.544	29,27
2007	259.258	69,80	112.178	30,20
2008	321.276	69,98	137.794	30,02
2009	270.673	75,71	86.842	24,29
2010	381.966	76,24	119.025	23,76

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

manufaturados na média do quadriênio 2007-2010 apresentaram apenas recuperação a patamares próximos do biênio 1997-1998. A persistência de câmbio valorizado em condições de oferta regulares a partir de matéria-prima mais barata poderá impulsionar as aquisições externas de produtos do grupo madeira.

4 - SALDOS COMERCIAIS DOS PRODUTOS FLORESTAIS

Os saldos comerciais dos produtos florestais elevaram-se de forma substancial no período 1997-2010 mais que triplicaram (+228,26) quando se considera a variação entre os anos extremos. Esse ritmo foi menor que os

resultados da agricultura como um todo, os quais mais que quadruplicaram (+357,82%), com o que a participação dos produtos florestais no conjunto setorial recua de 16,03% em 1997 para 11,49% em 2010. Essa representatividade após crescer no quadriênio 1997-2000, quando atingiu o pico de 25,85%, recua de forma persistente a partir de 2000 (Tabela 11). Ainda assim, os produtos florestais firmam-se como item relevante do comércio exterior da agricultura brasileira.

O detalhamento dos saldos comerciais segundo os grupos de produtos ajuda a compreender esse desempenho. Desde logo nota-se de forma clara a crescente dependência externa de importações de borracha, com saldos comerciais negativos em todo período 1997-2010, além do déficit, apor ter recuado de US\$118 milhões em

TABELA 11 - Saldos Comerciais dos Produtos Florestais no Total da Agricultura, Brasil, Período 1997-2010

(em US\$1 milhão)

Ano	Produtos florestais	Agricultura	Part. %
1997	1,97	12,28	16,03
1998	1,86	10,77	17,23
1999	2,83	12,56	22,54
2000	3,18	12,31	25,85
2001	3,06	16,45	18,59
2002	3,48	18,38	18,91
2003	4,72	23,92	19,74
2004	5,78	31,31	18,45
2005	6,16	36,23	17,01
2006	6,39	40,18	15,89
2007	6,96	44,67	15,58
2008	6,79	49,78	13,65
2009	5,50	49,03	11,22
2010	6,46	56,22	11,49

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

1997 para US\$64 milhões em 2001, tendo crescido de forma vertiginosa para atingir US\$714 milhões em 2010. Interessante destacar a colagem desse comportamento na dinâmica econômica, uma vez que na crise econômica de 2009 o déficit havia sido reduzido a US\$242 milhões (Tabela 12). Esse desempenho da borracha associa-se de forma direta com a expansão da indústria automobilista brasileira nos anos recentes.

Na celulose, após a verificação de déficit nos dois primeiros anos (1997-1998), nos anos seguintes verifica-se incremento persistente levando ao superávit de US\$350 milhões de 2010. Ainda que a agroindústria de papel e celulose tenha promovido avanços e aumento relevante da geração positiva de divisas, a grande contribuição para os aumentos dos saldos comerciais dos produtos comerciais dos produtos florestais deu-se pela madeira cujo superávit aumenta de US\$2,27 bilhões em 1997 para US\$6,76 bilhões em 2010 (Tabela 12). Verifique-se que esse desempenho deriva diretamente das crescentes vendas externas de produtos básicos, o que configura a característica predominante de primário-exportador a esse segmento dos produtos florestais.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da evolução do comércio exterior de produtos florestais do Brasil para o período 1997-2010 mostra que as exportações cresceram em ritmo mais lento que o aumento

das vendas da agricultura como um todo. Em função desses desempenhos, a participação dos produtos florestais no total setorial recua de 15,18% em 1997 para 11,95% em 2010. Estruturalmente, pode-se identificar a existência de dois grandes grupos de produtos. De um lado, tem-se a agroindústria de papel e celulose fortemente integrada para trás de forma vertical com lavou-ras próprias e/ou na integração contratual mediante arrendamentos em parceria para evitar desembolsos na aquisição de terras. De outro, estão os produtos da madeira nos quais imperam os bens intermediários do primeiro tratamento nas madeireiras e em menor proporção da agro-indústria de móveis e produtos em madeira, sendo que neste grupo os mecanismos estruturadores da integração não prosperaram no mesmo sentido.

Quanto às importações, após recuo de US\$1,82 bilhão em 1997 para US\$0,98 bilhão em 2003, as compras externas voltam a crescer para alcançar US\$3,09 bilhões em 2010. Com o crescimento econômico recente aumentando mais que proporcionalmente as importações de produtos básicos e de semimanufaturas de madeira uma vez que os produtos manufaturados na média do quadriênio 2007-2010 apresentaram apenas recuperação a patamares próximos do biênio 1997-1998. Os desempenhos entre os ramos florestais mostram déficits comerciais crescentes para a borracha e a reversão dos saldos negativos para a celulose. Entretanto, fica nítido que a grande contribuição para os aumentos dos saldos comerciais dos produtos florestais deu-se pela

TABELA 12 - Evolução dos Saldos Comerciais dos Produtos Florestais Segundo os Grandes Grupos de Produtos, Brasil, Período 1997-2010

(em US\$1 mil)

Ano	Celulose	Madeira	Borracha	Outros	Total
1997	-196.583	2.268.135	-118.485	15.242	1.968.309
1998	-228.842	2.160.295	-89.357	13.920	1.856.016
1999	130.064	2.733.646	-48.263	15.203	2.830.650
2000	57.343	3.204.194	-92.764	13.737	3.182.510
2001	188.366	2.923.019	-64.015	10.422	3.057.792
2002	343.418	3.210.647	-92.090	13.091	3.475.066
2003	602.824	4.232.133	-135.241	21.746	4.721.462
2004	613.790	5.350.564	-202.506	15.218	5.777.066
2005	698.625	5.672.533	-232.217	22.662	6.161.603
2006	537.288	6.147.694	-346.918	47.571	6.385.635
2007	533.908	6.837.584	-445.004	33.216	6.959.704
2008	373.652	7.019.784	-633.808	34.246	6.793.874
2009	494.224	5.207.748	-242.559	40.128	5.499.541
2010	349.809	6.763.367	-713.843	61.747	6.461.080

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

madeira cujo superávit aumenta de US\$2,27 bilhões em 1997 para US\$6,76 bilhões em 2010. Verifique-se que esse desempenho deriva diretamente das crescentes vendas externas de produtos básicos, o que configura a característica predominante de primário-exportador a esse

segmento dos produtos florestais. Esse desempenho suscita a necessidade de aprofundamento das discussões quanto à sustentabilidade de médio e longo prazo da atual característica do comércio exterior brasileiro de produtos florestais.

LITERATURA CITADA

BACHA, C. J. C. Análise da evolução do reflorestamento no Brasil. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 5-24, jul./dez. 2008

_____. O uso de recursos florestais e as políticas econômicas brasileiras - uma visão histórica e parcial de um processo de desenvolvimento. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 34, n. 2, abr.-jun. 2004.

BAQUERO, F. A. S. **Da indústria do papel ao complexo florestal no Brasil: o caminho do corporativismo tradicional ao neocorporativismo**. 1992. 298 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

BARROS, A. C.; UHL, C. Padrões, problemas e potencial da extração madeireira ao longo do Rio Amazonas e do seu estuário. In: BARROS, A. C.; VERÍSSIMO, A. **A expansão madeireira na Amazônia: impactos e perspectivas para o desenvolvimento sustentável no Pará**. Belém: Imazon, 2002. 166 p.

CASTANHO FILHO, E. P. Bases para um programa estadual de florestas. **Revista Florestar Estatístico**, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 12-18, jan. 2003.

GARRIDO FILHO, I. Manejo florestal: questões econômico-financeiras e ambientais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 45, maio-ago. 2002.

VICENTE, J. R. et al. **Sistema de importações e exportações dos agronegócios (Sistema IEA): conceituação e análise dos resultados, 1997-2001**. São Paulo: APTA/SAA, 2001 (Série Ação APTA, n. 5).

COMÉRCIO EXTERIOR DE PRODUTOS FLORESTAIS, BRASIL, 1997-2010

RESUMO: O trabalho analisa a evolução do comércio exterior de produtos florestais do Brasil para o período 1997-2010. Mostra que as exportações cresceram em ritmo mais lento que o aumento das vendas da agricultura como um todo, com o que a participação dos produtos florestais no total setorial recua. Identifica dois grandes grupos de produtos: agroindústria de papel e celulose e os produtos da madeira. Quanto às importações, após recuo no período 1997-2003, voltam a crescer até 2010, aumentando mais que proporcionalmente as importações de produtos básicos e de semimanufaturas de madeira. Os desempenhos entre os ramos florestais mostram déficits comerciais crescentes para a borracha e a reversão dos saldos negativos para a celulose. Entretanto, fica nítido que a grande contribuição para os aumentos dos saldos comerciais dos produtos comerciais dos produtos florestais deu-se pela madeira. Verifique-se também que esse desempenho deriva diretamente das crescentes vendas externas de produtos básicos, o que configura a característica predominante de primário-exportador a esse segmento dos produtos florestais.

Palavras-chave: produtos florestais, comércio exterior, exportações, importações.

FOREIGN TRADE IN FOREST PRODUCTS, BRAZIL, 1997–2010

ABSTRACT: This paper analyzes the evolution of Brazil's foreign trade in forest products over the period 1997-2010. It finds that these exports grew at a slower pace than the increase in agricultural sales as a whole, with the result that its share in the total industry declined. Two major product groups were identified: the paper and cellulose agribusiness and wood products. As for imports, after a drop in the period 1997-2003, they once again increased through 2010, with imports of basic products and semi-processed wood increasing at a higher than proportional rate. The performance of the forestry groups shows growing trade deficits for rubber and the reversal of the negative balance for cellulose. However, it is clear that the major contribution to the increase in the trade balance of commercial forest products is attributable to wood products. It is also observed that this performance is a direct result of growing overseas sales of commodities, which constitute the predominant characteristic of primary exporters in this segment of forest products.

Key-words: forest products, foreign trade, exports, imports.

Recebido em 28/09/2011. Liberado para publicação em 06/10/2011.